

CURSO INTENSIVO 2022

Coesão

Relações de Coesão



Prof. Wagner Santos

www.estrategiamilitares.com.br



Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 ANÁLISE SOCIAL	3
2 SEMÂNTICA	6
3 QUESTÕES	11
4 GABARITO	23
5 QUESTÕES COMENTADAS	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54

Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Hoje falaremos sobre a coesão de seu texto. Um dos pontos mais importantes de seu texto, dado que aborda dois vieses: a gramática, com a referênciação; e a semântica, com a ligação entre as suas ideias. Hoje, um diferente do que vocês estão acostumados, apresentarei alguns exercícios de coesão, de múltipla escolha, com reescrita de trechos e com usos de elementos de referênciação.

Na aula de hoje, veremos então:

- Estudo dos conectivos;
- Exercícios de identificação de conectivos e pronomes; e
- Prática de redação.

Bora que só bora?

1 Análise social

Em seu livro **Vigiar e Punir**, Michael Foucault mostra o nascimento da sociedade moderna a partir da maneira como eram tratados os fora da lei. Por volta do século XVII, as punições eram exemplares, mas ocasionais. Eram horríveis, sem dúvida, um espetáculo grotesco, mas eram raras. Eram tão brutais, que Foucault apresenta um exemplo que dá certo dor no estômago dos que leem: um homem, punido por ser um filicida (um pai que assassina os próprios filhos), é condenado a ser esquartejado por cavalos e, depois, ter seu corpo queimado. Segundo os relatos da época, essa punição deveria servir como forma de conter qualquer outra pessoa que pensasse em fazer o mesmo. O castigo dá errado e o sofrimento do homem beira a desumanidade, fazendo com que sejam repensadas as formas de castigo dali pra frente.

Assim, durante o século XIX, em especial por influência da França, as sociedades modernas começam a abolir os suplícios e a humanizar os castigos. Contudo, isso ocorre a partir da criação de **instituições disciplinares de controle e vigilância social**: a **escola**, o **quartel** ou o **manicômio**.

Na verdade, o controle se faz através do **corpo**. Na escola, por exemplo, o jovem é submetido a uma série de regras que devem levá-lo a controlar o corpo em nome da razão: não se pode ir ao banheiro quando quer, deve-se obedecer a toques de sinais, o sono não é permitido. Essa é uma forma de interiorizar a disciplina. Trata-se de mecanismos de poder "que fazem viver", pois as práticas visam garantir o desenvolvimento do indivíduo.

Desses mecanismos, o mais bem-sucedido relaciona-se à **saúde**. O desenvolvimento da biologia e da medicina realmente proporcionou bem-estar ao homem. Contudo, o preço pago é o **controle** e a **vigilância**.

Gilles Deleuze identifica que a sociedade contemporânea é identificada pelo **controle**. Isso não se refere a um encarceramento, mas a um **controle aberto**. Não que a ideia de disciplina tenha deixado de existir, mas foi expandida para outros campos. Na realidade, no pensamento de Deleuze, a disciplina passa a ser fruto direto do controle, dado que a noção de observação transforma as pessoas de forma definitiva. Tomemos, como exemplo, um estudo feito pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) indica que, nos Estados Unidos, a existência da advertência "Ambiente filmado" diminui a incidência de crimes somente pela indicação da câmera, que não necessariamente precisa funcionar.



Segundo Foucault, a disciplina é **interiorizada** a partir das noções de **medo**, **julgamento** e **destruição**. Numa sociedade contemporânea, em que as antigas instituições sólidas já não existem mais, os dispositivos disciplinares podem aparecer em ainda mais espaços.

As instituições sociais modernas produzem indivíduos sociais muito mais moveis e flexíveis que antes. O indivíduo contemporâneo é mais flexível, fluido, não pertence a nenhuma identidade e pertence a todas. E está **eternamente sob vigilância**. O nomadismo e as redes de informação são fundamentais para a ideia de controle. A vigilância é **virtual** e **onipresente**, não necessariamente dominante como no esquema do **Panóptico**. Na sociedade do controle, todo indivíduo é um panóptico em potencial.

INDO MAIS
FUNDO!

Panóptico é o termo que designa a prisão ideal, desenvolvida por Jeremy Bentham em 1785. Sua arquitetura consiste num edifício circular. Ao centro, uma torre em que os seguranças podem observar para todas as direções. Em volta, as celas, separadas sem qualquer comunicação. Os presos nunca saberiam quando estavam sendo observados, pois não há visibilidade de dentro da torre. Veja a imagem para um exemplo possível de Panóptico.



Toda a sociedade controla os passos do indivíduo. Há vigilância constante de câmeras em todos os lugares, inclusive a ameaça de que dentro de sua própria casa, seu computador pode estar vigiando você. Não é preciso que haja ninguém nos observando para sermos disciplinados: é **a possibilidade de estar sendo observados que norteia nossos comportamentos**. Estamos sob o efeito de controle disciplinar independente de termos ou não uma autoridade por perto.

Um dos fenômenos mais exemplares para compreender a sociedade do controle são **os reality shows**. Os programas colocam os participantes em situações limite e o público observa o modo como eles reagem a essas situações e julga seu comportamento. Alguns psicólogos, inclusive, indicam a existência, atualmente, de uma **fetichização do confinamento**, ou, ainda, **do controle**. Essa seria uma consequência da interiorização desse tipo de comportamento na sociedade: estamos tão acostumados a essa relação de controle, que não conseguimos nos livrar dela de forma espontânea. É como se a tivéssemos instalada, por assim dizer, em nossos genes.

Foucault, ao analisar a sociedade, consegue ir ainda mais fundo nessa ideia, apresentando a noção de que a sociedade, por meio de um **discurso de poder institucionalizado** é criadora de cidadãos e seres completamente dóceis, úteis e submissos à noção social do certo e do errado. No pacto social atual, a principal função do Estado é exatamente **o controle de sua população**.

Na sociedade de controle, o aspecto disciplinar não desaparece, apenas muda seu modo de atuação. Isso aparece, por exemplo, na ideia de **abolição do confinamento**, tanto psiquiátrico quanto criminal. Por isso, o movimento **antimanicomial** e o processo de **reeducação** se tornaram fortes durante as décadas de 70 e 80, trazendo discussões sociais acaloradas na maior parte das vezes. No final de nossa aula, trago um tema em que você pode utilizar, de forma prática, esse repertório tão importante.

FILMES

Dead set (2008)



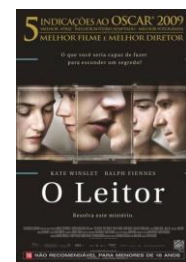
Durante uma temporada do Big Brother, tem início o apocalipse zumbi. As pessoas que estão reclusas na casa, porém, não sabem que estão agora cercadas.

V de vingança (2005) Dir.: James Mc Teigue

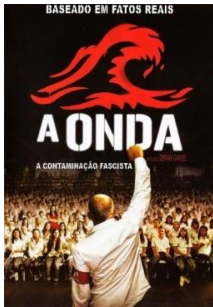


Numa Inglaterra do futuro, em que um regime totalitário está em vigor, um homem mascarado, cujo codinome é V, convoca a resistência contra a tirania do regime.

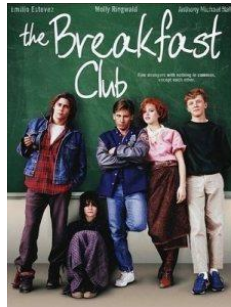
O leitor (2008) Dir. Stephen Daldry



Em uma sociedade moralista, que pressiona as pessoas a seguir seu padrão de comportamento, uma mulher solitária e mais velha se envolve com um adolescente, num caso que mudará suas vidas.

A onda (2008). Dir.: Dennis Gansel

Um professor de ensino médio cria um experimento para ensinar na prática para seus alunos os mecanismos de fascismo, poder e controle, mas isso acaba se tornando real.

Clube dos cinco (1985) Dir.: John Hughes

Cinco adolescentes muito diferentes entre si, do ensino médio, ficam uma tarde juntos na detenção por conta de delitos que cometeram. Exemplo para a ideia de disciplina de Foucault.

O círculo (2017) Dir.: James Ponsoldt

The Circle, uma das empresas mais poderosas de internet do mundo, responsável por conectar os e-mails das pessoas a todas as suas atividades. Mae Holland é contratada para um experimento de mostrar sua vida 24h.

2 Coesão

A **coesão** lida com as articulações no nível da morfossintaxe, ou seja, entre as palavras, frases, orações e períodos. Ela pode ser **gramatical (incluindo a lexical)** ou **semântica** (aquela bem comum com o uso das conjunções e conectivos que ligam ideias).

2.1 Coesão Gramatical

A coesão gramatical, então, é aquela em que temos a utilização e o pensamento literalmente morfossintático. É a que utilizamos para que não tenhamos, por exemplo, uma repetição desnecessária das palavras. Nesse caso, são várias as **estratégias coesivas** que podem ser aplicadas ao texto. Destacamos, a seguir, as principais estratégias para que a repetição não se "manifeste" em seu texto, de forma a prejudicar sua nota com relação a esse quesito. Vejamos os casos.

Referência e reiteração

A ideia de referência e reiteração consiste, literalmente, em substituir os termos que já apareceram no texto por outros que possam lhe fazer referência. São empregados, nesse mecanismo, principalmente **pronomes, numerais, advérbios e artigos**:

Nesse caso, temos duas relações essenciais para a construção de significados entre os termos. Os dois mecanismos são chamados de **anáfora** e **catáfora**. É comum, inclusive, que nos refiramos a eles como "relações anafóricas" e "relações catafóricas". A primeira é entendida, literalmente, como uma retomada de termo anterior. Pense sempre dessa forma:

há relação de referência anterior. No segundo, temos uma referência entendida como posterior, dado que o termo a que se refere ainda aparecerá.

Anáfora: recupera termo anterior

Ex.: A **menina** saiu. Ela foi à praia.

Catáfora: refere-se a termo posterior

Ex. Só espero isto: uma **folga**.

Note que, no primeiro exemplo, o substantivo “menina” é retomado pelo pronome “ela”. Assim, pode-se perceber uma relação anafórica. No segundo exemplo, por sua vez, o pronome “isto” refere-se a termo posterior, que seria o substantivo “folga”. Dessa maneira, podemos entender que as referências podem “mover-se”, por assim dizer.

Elipse

A **elipse** é, antes de tudo, uma figura linguagem, colocada entre aquelas chamadas de “figuras de sintaxe” e dá nome ao fenômeno de omitir um termo da oração, tendo em vista o contexto ou situação. **Só se podem omitir termos que não serão prejudiciais ao entendimento**, ou seja, a oração precisa fazer sentido mesmo sem eles. Quando o termo já apareceu anteriormente (um substantivo ou um verbo), temos a chamada **Zeugma**. Contudo, como aqui nosso objetivo é o uso das duas figuras de linguagem e não sua classificação, apresentamos as duas juntas.

Supressão das formas nominais (substantivos, adjetivos, numerais, etc.)

A **menina** caiu do cavalo, mas (**a menina**) dançou a noite toda.

Supressão do verbo (ainda que de flexões diferentes)

O menino **era** inteligente, mas não (**era**) esperto.

O menino **era** esperto, mas as meninas (**eram**) inteligentes.

Reiteração e Nominalização

A **reiteração** ocorre a repetição de palavras ou expressões linguísticas. Seu uso é entendido como uma forma de reforço de alguma ação ou ideia, com valor claramente intensificador. É uma relação bastante interessante para determinados textos em que devemos reforçar ideias, mas deve ser utilizado de forma consciente e com o cuidado de não deixar o texto repetitivo.

Ele **comia, comia, comia** até não poder mais.

Esse é um problema **muito, muito** constante nas favelas brasileiras.

Já no caso da **nominalização**, entende-se o uso de repetição de termos da mesma família, ou seja, que possuem o mesmo radical. São as palavras que pertencem ao mesmo **Campo lexical**, utilizando conhecimentos morfológicos importantes: os relacionados aos processos de formação de palavras.

Ela estava muito **feliz** e essa **felicidade** a preenchia.

Substituição

Nos processos de substituição, são utilizados termos ou expressões que pertençam ao mesmo **campo semântico**. Assim, o texto não fica repetitivo ou difícil de assimilar.

Recurso de substituição	Exemplo
Sinonímia: expressões linguísticas de significados semelhantes.	São Paulo inspirou muitas músicas. A terra da garoa já ganhou músicas de Tom Zé, Caetano Veloso e Rita Lee.
Antonímia: expressões linguísticas de significados opostos.	Economizar dinheiro é difícil entre os jovens. Pessoas com menos de vinte anos tendem a gastar muito .
Hiperonímia: expressões linguísticas que representam conjunto ou termo geral.	Artistas tendem a ver o mundo de maneira diferente. Os pintores enxergam de modo único as cores que os circundam.
Hiponímia: substituir por expressão linguística que representa individual ou termo detalhado.	As abelhas são muito importantes para o equilíbrio ambiental. O desaparecimento desses insetos está causando muitas mazelas na natureza.

Esses recursos aparecem com muita frequência nos textos, mesmo quando não sabemos como nomeá-los. Inclusive, sua preocupação nessa aula é a de saber utilizar corretamente cada um desses mecanismos, mesmo que sem a capacidade plena de nomear os fenômenos. Essa classificação é matéria para o curso de português e não para o de redação. Em seguida, vamos olhar para a coesão semântica, extremamente importante nas relações de argumentação do seu texto.

2.2 Coesão semântica

Como já comentado, esse tipo de coesão garante as relações de **significação** do seu texto. É extremamente utilizada e muito importante para a construção de **sentido** de nosso texto, dado que usa, diretamente, as relações semânticas entre as ideias.

Conjunções e conectivos

A coesão por **conjunção** nada mais é que o uso correto dos conectivos. **É muito importante para sua redação, mas é também muito comum em exercícios de interpretação em gramática.**

É importante que vocês se lembrem de que o uso das relações corretas entre as ideias faz toda diferença na construção de sentidos do seu texto. Não é para apavorar vocês, mas entendemos que, o uso de uma conjunção com valor errôneo pode atrapalhar o texto inteiro, dado que as ideias são ligadas em todo ele. Dessa forma, **cuidado**, mas muito cuidado mesmo, **com a ideia de sair usando conjunções pouco comuns**, somente com o objetivo de mostrar que você sabe português. Esse é um dos erros mais severos cometidos por vocês na escrita das redações.

Para te ajudar a visualizar esse tipo de relação, vejamos um quadro com as principais conjunções e seus valores para usar em sua redação:

Conjunções e conectivos coordenativos

Aditivas Relacionam pensamentos similares. e; nem; também; bem como; não só... mas também.	Adversativas Relacionam pensamentos opostos. mas; porém; contudo; todavia; entretanto; no entanto; não obstante.
Alternativas Relacionam pensamentos excludentes. ou; ou...ou; já...já; ora...ora; quer...quer; seja...seja.	Conclusivas Relacionam pensamentos em que o 2º conclui o 1º. logo; pois; portanto; assim; por isso; por conseguinte.
Explicativas Relacionam pensamentos em que a segunda frase explica a primeira. que; porque; porquanto; pois; isto é.	

Conjunções subordinativas

<p>Causais</p> <p>Expressam causa.</p> <p>porque; porquanto; visto que; uma vez que; já que; pois que; como.</p>	<p>Concessivas</p> <p>Expressam contraste.</p> <p>embora; conquanto; ainda que; mesmo que; se bem que; posto que.</p>
<p>Proporcionais</p> <p>Expressam proporção.</p> <p>à medida que; à proporção que; ao passo que.</p>	<p>Conformativas</p> <p>Expressam conformidade.</p> <p>como; conforme; consoante; segundo.</p>
<p>Comparativas</p> <p>Expressam comparação.</p> <p>como (relacionado a tal, tão, tanto); como se; do que (relacionado a mais, menos, maior, menor, melhor, pior); que.</p>	<p>Consecutivas</p> <p>Expressam consequência.</p> <p>tanto que; tão que; tal que; tamanho que; de forma que; de modo que; de sorte que; de tal forma que.</p>
<p>Finais</p> <p>Expressam finalidade.</p>	<p>Integrantes</p> <p>Antecipam uma oração com valor de substantivo</p>

a fim de que; para que; porque.	que; se; como.
<p style="text-align: center;">Condicionais</p> Expressam condição. se; caso; desde; salvo se; desde que; exceto se; contando que.	<p style="text-align: center;">Temporais</p> Expressam tempo. antes que; apenas; assim que; até que; depois que; logo que; quando; tanto que.

3 Questões

1. (ITA/2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. – **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. – **visto que**
- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

2. (ITA/2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.



- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
- II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
- III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
- IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
- V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.

(Em: **Pesquisa Fapesp**, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.

- a) I - II - IV - III - V.
- b) IV - I - II - V - III.
- c) IV - I - III - II - V.
- d) I - V - IV - III - II.
- e) IV - I - II - III - V.

Arte estimula o aprendizado de matemática

¹Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e ²continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em ³vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

⁴O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos ⁶poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de ⁷matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como ⁸acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na ⁹pintura, nas artes em geral.

¹⁰Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da ¹¹USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de ¹²absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a ¹³demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

¹⁴O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores ¹⁵representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente ¹⁶estruturadas. Ele

provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ¹⁷ ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se ¹⁸ expressar plasticamente.

¹⁹"Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas ²⁰ observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que ²¹ morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. **Arte estimula o aprendizado de matemática**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

3. (IME/2014 adaptada)

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

4. (IME/2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.
- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

5. (FUVEST/2018)

¹ Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ² ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos ³ próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que ⁴ tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. ⁵ Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, ⁶ torna-se, deste modo, arte moderna.

⁷ As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. ⁸ Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. ⁹ Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova ¹⁰ visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é ¹¹ mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua ¹² altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; ¹³ e, todavia, o seu significado não está perdido porque o ¹⁴ significado que uma obra assume para uma geração posterior ¹⁵ é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

6. (FUVEST/2015)

¹ Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o ² capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o ³ mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios ⁴ particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu ⁵ Jão Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo ⁶ quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer ⁷ um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

⁸ – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

⁹ – Há de se espichar bem, mulher!

¹⁰ Uma voz os interrompeu:

¹¹ – Por este preço dou eu conta da roça!

¹² – Ah! É nhô Jão!

¹³ Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham ¹⁴ por homem de palavra, e de fazer o que prometia. ¹⁵ Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que ¹⁶ estava destinado para o roçado.

¹⁷ Acompanhou-os Jão Fera; porém, mal seus olhos ¹⁸ descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele ¹⁹ esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, ²⁰ que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se ²¹ deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).



Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiam diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

7. (UNESP/2018)

“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2o parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.
- d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.
- e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

8. (UNESP/2017 adaptada)

Em “Conta ela que seu Alfredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) assim como.
- b) logo que.
- c) enquanto.
- d) porque.



e) ainda que.

9. (UNESP/2016 adaptado)

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

_____, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava _____ pudesse contemplar aqueles brinquedos, _____ lia os preços sem muita noção de valor, _____ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.

Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

10. (INSPER/2017)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma

- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

11. (ENEM/2018)

Para os chineses da dinastia Ming, talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros: acreditava-se por lá, assim como em boa parte do Oriente, que os espíritos malévolos só viajam em linha reta. Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas. Qualidades sobrenaturais não são as únicas razões para considerarmos as favelas um modelo urbano viável, merecedor de investimentos infraestruturais em escala maciça. Lugares com conhecidos e sérios problemas, elas podem ser também solução para uma série de desafios das cidades hoje. Contanto que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso. As favelas são, afinal, produto direto do urbanismo moderno e sua história se confunde com a formação do Brasil.

CARVALHO, B. A favela e sua hora. **Piauí**, n. 67, abr. 2012.

Os enunciados que compõem os textos encadeiam-se por meio de elementos linguísticos que contribuem para construir diferentes relações de sentido. No trecho “Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas”, o conector “portanto” estabelece a mesma relação semântica que ocorre em

- a) “[...] talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros [...].”
- b) “[...] acreditava-se por lá, *assim* como em boa parte do Oriente [...].”
- c) “[...] elas podem ser *também* solução para uma série de desafios das cidades hoje.”
- d) “*Contanto que* não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso.”
- e) “As favelas são, *afinal*, produto direto do urbanismo moderno [...].”

12. (ENEM/2016)

O senso comum é que só os seres humanos são capazes de rir. Isso não é verdade?

Não. O riso básico – o da brincadeira, da diversão, da expressão física do riso, do movimento da face e da vocalização – nós compartilhamos com diversos animais. Em ratos, já foram observadas vocalizações ultrassônicas – que nós não somos capazes de perceber – e que eles emitem quando estão brincando de “rolar no chão”. Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria. Sem o riso, o outro pensa que está sendo atacado. O que nos diferencia dos animais é que não temos apenas esse mecanismo básico. Temos um outro mais evoluído. Os animais têm o senso de brincadeira, como nós, mas não têm senso de humor. O córtex, a parte superficial do cérebro deles, não é tão evoluído como o nosso. Temos mecanismos corticais que nos permitem, por exemplo, interpretar uma piada.

Disponível em: <http://globonews.globo.com>. Acesso em: 31 maio 2012 (adaptado).

A coesão textual é responsável por estabelecer relações entre as partes do texto. Analisando o trecho “Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro”, verifica-se que ele estabelece com a oração seguinte uma relação de

- a) finalidade, porque os danos causados ao cérebro têm por finalidade provocar a falta de vocalização dos ratos.
- b) oposição, visto que o dano causado em um local específico no cérebro é contrário à vocalização dos ratos.
- c) condição, pois é preciso que se tenha lesão específica no cérebro para que não haja vocalização dos ratos.
- d) consequência, uma vez que o motivo de não haver mais vocalização dos ratos é o dano causado no cérebro.
- e) proporção, já que à medida que se lesiona o cérebro não é mais possível que haja vocalização dos ratos.

13. (ENEM/2014)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
– do amargo e injusto e falso por mudar –
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.



Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas” articulam, para além de sua função sintática,

- a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
- b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
- c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
- d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
- e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

14. (ENEM/2014)

Reciclar é só parte da solução

O lixo é um grande problema da sustentabilidade. Literalmente: todos os anos, cada brasileiro produz 385 kg de resíduos – dá 61 milhões de toneladas no total. O certo seria tentar diminuir ao máximo essa quantidade de lixo. **Ou seja**, em vez de ter objetos recicláveis, o ideal seria produzir sempre objetos reutilizáveis, o que diminui os resíduos. **Mas**, enquanto isso não acontece, temos que nos contentar com a reciclagem. E é aí que vem um detalhe perigoso: reciclar o lixo **também** polui o ambiente e gasta energia. Reciclar vidro, por exemplo, é 15% mais caro do que produzi-lo a partir de matérias-primas virgens. **Afinal**, é feito basicamente de areia, soda e calcário, que são abundantes na natureza. **Então**, nenhuma empresa tem interesse em reciclá-lo. Já o alumínio é um supernegócio, porque economiza muita energia.

HORTA, M. Disponível em: <http://super.abril.com.br>.

Acesso em: 25 maio 2012.

O emprego adequado dos elementos de coesão contribui para a construção de um texto argumentativo e para que os objetivos pretendidos pelo autor possam ser alcançados. A análise desses elementos no texto mostra que o conectivo

- a) “ou seja” introduz um esclarecimento sobre a diminuição da quantidade de lixo.
- b) “mas” instaura justificativas para a criação de novos tipos de reciclagem.
- c) “também” antecede um argumento a favor da reciclagem.
- d) “afinal” retoma uma finalidade para o uso de matérias-primas.
- e) “então” reforça a ideia de escassez de matérias-primas na natureza.

15. (ENEM/2014)

É possível ter cãibras no coração?

É impossível ter câibras no coração, **apesar de** ser comum pacientes se queixarem de dores semelhantes a uma contratura no órgão. A musculatura cardíaca é diferente da musculatura esquelética das pernas e braços, onde sentimos as câibras. Isso porque o coração possui um tipo especial de fibra muscular estriada, que tem movimento involuntário. O órgão contrai e relaxa automaticamente. Não há registro de casos em que ele permaneça contraído sem relaxamento imediato, que é como a câibra se apresenta.

Disponível em: <http://super.abril.com.br>.
Acesso em: 30 jun. 2012 (fragmento).

Os conectivos são elementos fundamentais para a ligação de palavras e orações no texto. Contextualmente, o conectivo “apesar de” (ℓ. 1) expressa

- a) explicação, porque apresenta os motivos que impossibilitam o aparecimento de câibras no coração.
- b) concessão, pois introduz uma ideia contrária à afirmação “é impossível ter câibras no coração”.
- c) causa, tendo em vista que introduz a razão da manifestação da doença no coração.
- d) conclusão, já que finaliza a afirmação “é impossível ter câibras no coração”.
- e) consequência, uma vez que apresenta os efeitos das câibras.

16. (ENEM/2013)



Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>.
Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfosintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- a) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- b) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- c) retomada do substantivo “mãe”, que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos,
- d) utilização da forma pronominal “la”, que reflete um tratamento formal do filho em relação à “mãe”.

e) repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

17. (ENEM/2012)

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, stou sem.
Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.
O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

- a) a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.
- b) a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.
- c) o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.
- d) a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.
- e) a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

18. (ENEM/2011)

Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. **Época**. 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- a) a expressão "Além disso" marca uma sequenciação de ideias.
- b) o conectivo "mas também" inicia oração que exprime ideia de contraste.
- c) o termo "como", em "como morte súbita e derrame", introduz uma generalização.
- d) o termo "Também" exprime uma justificativa.
- e) o termo "fatores" retoma coesivamente "níveis de colesterol e de glicose no sangue".

19. (ENEM/2010)

O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa do** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com> (adaptado).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

- a) **após é** conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.
- b) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
- c) **no entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
- d) **mesmo** traz ideia de concessões, já que "com mais posse de bola", ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
- e) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

20. (ENEM/2010)

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

4 Gabarito

- | | | |
|------|-------|-------|
| 1. A | 8. B | 15. B |
| 2. E | 9. C | 16. A |
| 3. A | 10. D | 17. A |
| 4. B | 11. E | 18. A |
| 5. A | 12. C | 19. D |
| 6. D | 13. C | 20. E |
| 7. A | 14. A | |

5 Questões comentadas

1. (ITA/2014 adaptada)

Assinale a opção cujo elemento coesivo em negrito substitui os dois pontos sem alterar o sentido do período. São trechos de um texto sobre a criação do personagem, Carlito, de Charles Chaplin.

- a) O andar do personagem não saiu completo e definitivo da cabeça de Chaplin: foi uma criação em que o artista procedeu por uma sucessão de tentativas e erradas. - **já que**
- b) O público riu: estava fixado o andar habitual do personagem Carlito. - **visto que**

- c) O público não achou graça: estava desapontado. – **de forma que**
- d) Cada espectador pode encontrar nele o que procura: o riso, a crítica, o lirismo ou ainda o contrário de tudo isso. – **posto que**
- e) A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente americano, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, não poderia pensar outra coisa. – **tanto que**

Comentários:

A alternativa A está correta, pois “já que” tem valor de explicação: o andar não saiu completo, pois foi partiu de uma sucessão de tentativas.

Alternativa B está incorreta, pois “visto que” tem valor causal e, neste caso, a relação é de consequência: porque o público riu, fixou-se o andar de Carlito.

Alternativa C está incorreta, pois “de forma que” tem valor de consequência e, neste caso, a relação é de conclusão: o público não achou graça, logo, ficou desapontado.

Alternativa D está incorreta, pois “posto que” tem valor de causa e, neste caso, a relação é de explicação, enumerando tudo o que se pode encontrar na personagem.

Alternativa E está incorreta, pois “tanto que” tem valor explicação e, neste caso, a relação é de causa: a interpretação cabe bem, pois é realmente isso que pensa o americano.

Gabarito: A

2. (ITA/2011)

Os trechos a seguir, que estão fora de ordem, fazem parte de um texto coeso e coerente.

- I. Estudos feitos com várias profissões que trabalham em turnos mostram que ficar acordado por mais de 19 horas ou ter uma jornada de trabalho superior a 12 horas provoca sintomas semelhantes ao de um porre.
- II. Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada, as consequências negativas se potencializam ao extremo.
- III. As reações ficam mais lentas e o julgamento da realidade é comprometido.
- IV. Um piloto dormir no manche do avião é uma cena muito mais rara do que um motorista de ônibus ou caminhão cochilar no volante. Mas pode acontecer.
- V. No caso da aviação, há ainda o agravante de que os pilotos trabalham a 10 mil metros do solo, no comando de aeronaves complexas e delicadas, às vezes com mais de uma centena de passageiros a bordo.

(Em: **Pesquisa Fapesp**, agosto/2009. Adaptado)

Assinale a opção que apresenta a melhor sequência.

- a) I – II – IV – III – V.
- b) IV – I – II – V – III.

- c) IV - I - III - II - V.
d) I - V - IV - III - II.
e) IV - I - II - III - V.

Comentários:

Para compreender esta questão é preciso observar o conteúdo de cada item. Só assim pode-se auferir se o texto faz sentido. Sobre o que tratam todos os itens? Sobre as longas jornadas de trabalho dos pilotos de avião. A primeira informação, portanto, deve ser relacionada a situar o contexto. Tanto a I. quanto a IV. dão informações contextuais. Logo, deve-se observar a relação entre os itens.

Em I. se apresentam duas alternativas prejudiciais à saúde: ficar acordado muito tempo e ter uma jornada de trabalho longas. Na alternativa II., a oração se inicia por "Se essas duas condições se sobrepõem numa madrugada", logo, ela deve vir automaticamente depois da alternativa I.

O item II. ainda fala sobre as consequências negativas, mas não as enumera. O item III. é o único que contém a listagem de possíveis consequências para as práticas, logo, III. deve vir automaticamente depois de II.

O item V. se inicia com "no caso da aviação", o que demonstra que deve ser precedido por uma afirmação mais geral sobre os malefícios. Por isso, deve vir automaticamente depois de III.

Assim, como o item IV. não consegue estabelecer relação com a oração V., ele deve ser a primeira oração, antecipando toda a sequência que ficaria: IV - I - II - III - V.

Gabarito: E

Arte estimula o aprendizado de matemática

¹Resolver operações matemáticas foi difícil para muitos dos gênios da ciência, e ² continua pouco atraente para muitos alunos em salas de aula. Muita gente pensa em ³ vincular matemática com a arte para tornar o aprendizado mais estimulante.

⁴O professor Luiz Barco, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP) é um deles. "Há mais matemática nos livros de Machado de Assis, nos ⁶ poemas de Cecília Meireles e Fernando Pessoa do que na maioria dos livros didáticos de ⁷ matemática". Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, assim como ⁸ acontece com o imaginário na literatura, com a harmonia na música, na escultura, na ⁹ pintura, nas artes em geral.

¹⁰Para o pesquisador Antônio Conde, do Instituto de Matemática e Computação da ¹¹ USP/São Carlos, a convivência entre arte e matemática aumentaria a capacidade de ¹² absorção dos estudantes. "O lado estético da matemática é muito forte, a ¹³ demonstração de um teorema é uma obra de arte", conclui.

¹⁴O holandês Maurits Cornelis Escher é, provavelmente, um dos maiores ¹⁵ representantes dessa ligação, produzindo obras de arte geometricamente ¹⁶ estruturadas. Ele

provou, na prática, que é possível olhar as formas espaciais do ¹⁷ ponto de vista matemático, ou sob o seu aspecto estético, utilizando-as para se ¹⁸ expressar plasticamente.

¹⁹"Olhando os enigmas que nos rodeiam e ponderando e analisando as minhas ²⁰ observações, entro em contato com o mundo da matemática", dizia Escher, que ²¹ morreu em 1972.

CIÊNCIA E CULTURA. **Arte estimula o aprendizado de matemática**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000100017&script=sci_arttext>. Acesso em 05/05/2013.

3. (IME/2014 adaptada)

Dentre os trechos do texto nas alternativas a seguir, um revela uso inadequado do recurso coesivo. Aponte-o.

- a) O professor Luiz Barco, (...) é um deles. (Refs. 4 e 5)
- b) Para ele, a matemática captura a lógica do raciocínio, (...) (Ref. 7)
- c) Ele provou, na prática, que é possível (...) (Ref. 16)
- d) (...) ou sob o seu aspecto estético, (...) (Ref. 17)
- e) (...) utilizando-as para se expressar plasticamente. (Ref. 17)

Comentários:

A alternativa A é a que apresenta uso inadequado, pois o a expressão "é um deles" deveria retomar a expressão "muita gente" e, portanto, deveria estar no feminino ("é uma delas").

Em B há uso correto, pois "ele" retoma "Professor Luiz Barco".

Em C há uso correto, pois "ele" retoma "Maurits Cornelis Escher", artista plástico.

Em D há uso correto, pois "seu" é pronome possessivo e concorda com o complemento, nesse caso, "aspecto estético".

Em E há uso correto, pois "as" retoma "formas espaciais".

Gabarito: A

4. (IME/2010)

O processo de coesão pode ser realizado através de vocábulos anafóricos – aqueles que se referem a um outro anteriormente expresso. A oração do texto, que NÃO apresenta vocábulo anafórico é:

- a) (...) chegou a São Vicente, a primeira vila fundada no Brasil. Lá, teve o primeiro contato com os índios.
- b) Para os índios, foi médico, sacerdote e educador: cuidava do corpo, da alma e da mente.
- c) Anchieta escreveu o "Poema em Louvor à Virgem Maria", com 5.732 versos, alguns dos quais traçados nas areias das praias.

- d) Em 1565, entrou com Estácio de Sá na baía de Guanabara, onde estabeleceram os fundamentos do que viria a ser a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- e) José de Anchieta nasceu em família rica, numa das sete ilhas Canárias, de onde avistava os navios que se abasteciam no porto de Tenerife para seguir rumo ao Oriente ou ao Novo Mundo.

Comentário:

Na alternativa B não há a presença de vocábulos que fazem substituição de termos que apareceram anteriormente: há a reescrita das profissões com outros termos sinônimos.

A alternativa A apresenta o advérbio de lugar “lá” que retoma “São Vicente”.

A alternativa C apresenta o pronome indefinido “alguns” que retoma “versos”.

A alternativa D apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “baía de Guanabara”.

Alternativa E apresenta o advérbio de lugar “onde” que retoma “uma das sete ilhas Canárias”.

Gabarito: B**5. (FUVEST/2018)**

¹ Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ² ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos ³ próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que ⁴ tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. ⁵ Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, ⁶ torna-se, deste modo, arte moderna.

⁷ As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. ⁸ Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. ⁹ Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova ¹⁰ visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é ¹¹ mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua ¹² altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; ¹³ e, todavia, o seu significado não está perdido porque o ¹⁴ significado que uma obra assume para uma geração posterior ¹⁵ é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, **Teorias da arte**. Adaptado.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (Refs. 5-6), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

Comentários:



A alternativa A é correta, pois “de fato” funciona como locução adverbial de afirmação, ou seja, confirma e dá mais força ao verbo “afete”, podendo ser substituído por “realmente”; e “deste modo” funciona como conjunção consecutiva, ou seja, denota consequência: se a obra de arte nos afeta, logo, ela se torna arte moderna.

A alternativa B está incorreta, pois “ainda” não denota consequência, mas sim adição.

A alternativa C está incorreta, pois “todavia” não denota consequência, mas sim oposição.

A alternativa D está incorreta pelo mesmo motivo da B: denota adição.

A alternativa E está incorreta, pois “possivelmente” denota dúvida.

Gabarito: A

6. (FUVEST/2015)

¹ Tornando da malograda espera do tigre, alcançou o ² capanga um casal de velhinhos, que seguiam diante dele o ³ mesmo caminho, e conversavam acerca de seus negócios ⁴ particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu ⁵ João Fera que destinavam eles uns cinquenta mil-réis, tudo ⁶ quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer ⁷ um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

⁸ – Mas chegará, homem? perguntou a velha.

⁹ – Há de se espichar bem, mulher!

¹⁰ Uma voz os interrompeu:

¹¹ – Por este preço dou eu conta da roça!

¹² – Ah! É nhô João!

¹³ Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham ¹⁴ por homem de palavra, e de fazer o que prometia. ¹⁵ Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que ¹⁶ estava destinado para o roçado.

¹⁷ Acompanhou-os João Fera; porém, mal seus olhos ¹⁸ descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele ¹⁹ esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, ²⁰ que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi-se ²¹ deixando-os embasbacados.

José de Alencar, **Til**.

* **moquirão** = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos” (L. 1-2), o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiram diante dele o mesmo caminho” (L. 2-3) poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis” (L. 5), pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”.



Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:

O Item I. está correto, pois “alcançou” dá sentido à oração seguinte: “, *que seguiam diante dele o 3º mesmo caminho*”. Foi alcançado quem “seguiram diante dele”, portanto, essa pessoa verbal é necessariamente plural: “casal de velhinhos”. Logo, o sujeito será o outro termo da oração “capanga”.

O Item II. está correto, pois apesar de se referir a duas pessoas, “casal” é substantivo de coletividade e, como tal, é tratado no singular. O uso de plural aqui – que justifica o Item I. – é útil para não causar ambiguidades, como a questionada no Item I.

O Item III. está incorreto, pois o “eles” do texto assume função de sujeito (quem destinou os cinquenta mil-réis) e na frase do item, como objeto (quem foi visto por aí).

Gabarito: D

7. (UNESP/2018)

“Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.” (2º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “alavanca”, “um”, “viúva e órfãos”.
- b) “pedra”, “um”, “meninos”.
- c) “pedra”, “alavanca”, “viúva e órfãos”.
- d) “alavanca”, “pedra”, “viúva e órfãos”.
- e) “alavanca”, “pedra”, “meninos”.

Comentários:

O pronome “se” é reflexivo, pois se refere ao próprio sujeito da ação: quem soltou da pedra? A alavanca.

O pronome “lhe” se refere à pessoa em cujo peito a alavanca bateu. Essa informação está no período anterior: “Na pedreira perdi um”: este “um” é a pessoa que morreu após ser atingida pela alavanca.

O segundo “se”, também reflexivo, refere-se a quem sumiu. Aqui, fica claro que eram “a viúva e órfãos miúdos” pelo período que procede, pois explica lista o que ocorreu com cada uma das pessoas da família.

Gabarito: A

8. (UNESP/2017 adaptada)

Em “Conta ela que seu Alfredo, **mal** viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado.”, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) assim como.
- b) logo que.
- c) enquanto.
- d) porque.
- e) ainda que.

Comentários:

O conectivo “mal” pode ser substituído por “nem bem”, “assim que” ou “logo que”, pois tem valor temporal sucessão (a viu sair e depois chegou-se). Por isso, a alternativa correta é a B.

A alternativa A está incorreta, pois tem valor comparativo.

A alternativa C está incorreta, pois tem valor temporal concomitante, ou seja, liga dois elementos que ocorrem ao mesmo tempo.

A alternativa D está incorreta, pois tem valor explicativo, de causa.

A alternativa E está incorreta, pois tem valor concessivo, ou seja, indica uma condição para que algo ocorra.

Gabarito: B

9. (UNESP/2016 adaptado)

Leia o trecho do texto **Brinquedos incendiados**, e Cecília Meirelles.

Assim, o bando que passava, de casa para a escola e da escola para casa, parava longo tempo a contemplar aqueles brinquedos e lia aqueles nítidos preços, com seus cifrões e zeros, sem muita noção do valor – porque nós, crianças, de bolsos vazios, como namorados antigos, éramos só renúncia e amor. Bastava-nos levar na memória aquelas imagens e deixar cravadas nelas, como setas, os nossos olhos.

Abaixo, você encontra o texto reescrito, mas mantendo o mesmo sentido do texto original:

_____, o bando de crianças passava em frente ao bazar e parava _____ pudesse contemplar aqueles brinquedos, _____ lia os preços sem muita noção de valor, _____ o importante era levar na memória aquelas imagens fantásticas.



Para que haja coesão entre as ideias, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) Portanto ... se bem que ... assim que ... pois
- b) Entretanto ... para que ... depois que ... à medida que
- c) Desse modo ... para que ... enquanto ... pois
- d) Apesar disso ... ainda que ... depois que ... à medida que
- e) Todavia ... ainda que ... enquanto ... de sorte que

Comentários:

A alternativa correta é a C, pois a primeira lacuna deve ser substituída por um conectivo que denote conclusão, semelhante a “assim”; a segunda lacuna, por um conectivo que denote finalidade, semelhante à preposição “a”; a terceira lacuna e a quarta precisam dar noção de concomitância, pois é a descrição de uma ação: os meninos contemplavam os brinquedos, enquanto liam os preços sem perceber e criavam memórias.

A alternativa A está incorreta, pois há erro na segunda lacuna, já que “se bem que” dá noção de concessão e na segunda lacuna “pois” dá noção de explicação.

A alternativa B está incorreta, pois “entretanto” dá noção de oposição, não conclusão.

A alternativa D está incorreta, pois “apesar disso” dá noção de concessão.

A alternativa E está incorreta, pois “todavia” dá noção de oposição.

Gabarito: C

10. (INSPER/2017)

Os memes – termo usado para se referir a um conceito ou imagem que se espalha rapidamente no mundo virtual – costumam surgir de um fato inusitado ou de uma situação engraçada que se espalha pela internet e começa a ganhar variadas versões. Em época de eleições, os candidatos viram alvos perfeitos dessas paródias.

Especialistas ouvidos pelo Estado dizem, no entanto, que o surgimento desses “memes políticos” não significa que as pessoas estejam mais interessadas em discutir política. “Isso aconteceria se elas estivessem debatendo propostas dos candidatos. O meme surge só para divertir”, diz o consultor em marketing político Carlos Manhanelli.

Rafael Sbarai, pesquisador de mídias digitais, concorda. Para ele, o fenômeno se explica pela tecnologia, não pela política. “Temos hoje mais pessoas conectadas, mais pessoas passando mais tempo nas redes sociais, especialmente no Facebook.”

O especialista em marketing político digital Gabriel Rossi recomenda: quando algum candidato for alvo de um meme, desde que ele não seja ofensivo, as campanhas têm de encarar o fato com bom humor.

(<http://politica.estadao.com.br>)

No segundo parágrafo, emprega-se a expressão “no entanto”, em relação às informações do parágrafo anterior, com a finalidade de indicar uma



- a) comparação de ideias, com as quais se pode inferir que a análise de temas políticos já faz parte do cotidiano da maioria dos internautas.
- b) conclusão de ideias, com as quais se pode concluir que as pessoas têm se mostrado mais preocupadas atualmente em debater política.
- c) consequência de ideias, com as quais se pode comprovar a tendência do brasileiro em analisar a situação política do país com humor.
- d) contrajunção de ideias, com as quais se pode concluir que a discussão política perde espaço para o humor e para o entretenimento no mundo virtual.
- e) explicação de ideias, com as quais se pode entender que, no campo da política nacional, o humor tem espaço bastante restrito.

Comentários:

"No entanto" é um conectivo que denota oposição. Portanto a alternativa correta é a D.

A alternativa A é incorreta, pois o período afirma que o uso de memes não garante a análise política.

A alternativa B é incorreta, pois o texto afirma justamente o contrário: que as pessoas não estão interessadas em discutir política.

A alternativa C é incorreta, pois as ideias não estão concatenadas a partir da ideia de consequência: segundo o texto, não é porque consomem memes que as pessoas não se interessam por discutir política.

A alternativa E é incorreta, pois o espaço de humor na política nacional não é restrito, uma vez que o texto versa sobre a profusão de memes de política.

Gabarito: D

11. (ENEM/2018)

Para os chineses da dinastia Ming, talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros: acreditava-se por lá, assim como em boa parte do Oriente, que os espíritos malévolos só viajam em linha reta. Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas. Qualidades sobrenaturais não são as únicas razões para considerarmos as favelas um modelo urbano viável, merecedor de investimentos infraestruturais em escala maciça. Lugares com conhecidos e sérios problemas, elas podem ser também solução para uma série de desafios das cidades hoje. Contanto que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso. As favelas são, afinal, produto direto do urbanismo moderno e sua história se confunde com a formação do Brasil.

CARVALHO, B. A favela e sua hora. **Piauí**, n. 67, abr. 2012.

Os enunciados que compõem os textos encadeiam-se por meio de elementos linguísticos que contribuem para construir diferentes relações de sentido. No trecho "Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas", o conector "portanto" estabelece a mesma relação semântica que ocorre em

- a) "[...] talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros [...]."
- b) "[...] acreditava-se por lá, *assim* como em boa parte do Oriente [...]."

- c) "[...] elas podem ser *também* solução para uma série de desafios das cidades hoje."
- d) "*Contanto* que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso."
- e) "As favelas são, *afinal*, produto direto do urbanismo moderno [...]."

Comentários:

Na oração "Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas" há uma relação de conclusão.

A alternativa A está incorreta, pois o conectivo "e" indica adição.

A alternativa B está incorreta, pois o conectivo "assim" indica conformidade, indicando que tanto em um lugar quanto em outro ocorre o mesmo fenômeno.

A alternativa C está incorreta, pois o conectivo "também" indica adição.

A alternativa D está incorreta, pois o conectivo "contanto que" indica condição.

A alternativa E está correta, pois o conectivo "afinal" indica conclusão, trazendo uma ideia conclusiva para ao que seriam as favelas.

Gabarito: E

12. (ENEM/2016)

O senso comum é que só os seres humanos são capazes de rir. Isso não é verdade?

Não. O riso básico – o da brincadeira, da diversão, da expressão física do riso, do movimento da face e da vocalização – nós compartilhamos com diversos animais. Em ratos, já foram observadas vocalizações ultrassônicas – que nós não somos capazes de perceber – e que eles emitem quando estão brincando de "rolar no chão". Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria. Sem o riso, o outro pensa que está sendo atacado. O que nos diferencia dos animais é que não temos apenas esse mecanismo básico. Temos um outro mais evoluído. Os animais têm o senso de brincadeira, como nós, mas não têm senso de humor. O córtex, a parte superficial do cérebro deles, não é tão evoluído como o nosso. Temos mecanismos corticais que nos permitem, por exemplo, interpretar uma piada.

Disponível em: <http://globonews.globo.com>. Acesso em: 31 maio 2012 (adaptado).

A coesão textual é responsável por estabelecer relações entre as partes do texto. Analisando o trecho "Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro", verifica-se que ele estabelece com a oração seguinte uma relação de

- a) finalidade, porque os danos causados ao cérebro têm por finalidade provocar a falta de vocalização dos ratos.
- b) oposição, visto que o dano causado em um local específico no cérebro é contrário à vocalização dos ratos.
- c) condição, pois é preciso que se tenha lesão específica no cérebro para que não haja vocalização dos ratos.
- d) consequência, uma vez que o motivo de não haver mais vocalização dos ratos é o dano causado no cérebro.

e) proporção, já que à medida que se lesiona o cérebro não é mais possível que haja vocalização dos ratos.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois o objetivo das lesões não é esse, ainda que a vocalização esteja condicionada a elas.

A alternativa B está incorreta, pois não há relação de oposição entre as orações, mas sim de condição: uma ação é subsequente à outra, não oposta.

A alternativa C está correta, pois o verbo “acontecendo” poderia ser substituído por “se acontecer” sem prejuízo de sentido. Indica uma condição para que o rato deixe de fazer a vocalização: “o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro”.

A alternativa D está incorreta, pois a relação aqui é hipotética, não de consequência.

A alternativa E está incorreta, pois não são ações que ocorrem ao mesmo tempo, mas sim de maneira subsequente.

Gabarito: C

13. (ENEM/2014)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
– do amargo e injusto e falso por mudar –
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas” articulam, para além de sua função sintática,

- a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
- b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
- c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
- d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
- e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

**Comentários:**

A alternativa A está incorreta, pois as orações sempre iniciam com “avisar”, ainda que os verbos das orações anteriores não sejam sinônimos.

A alternativa B está incorreta, pois as ações das orações não são essencialmente opostas.

A alternativa C está correta, pois há a descrição de uma ação na primeira oração e, na sequência, uma oração que indica uma ação que se sobressai à anterior. Assim, a fala posterior é mais forte que a primeira.

A alternativa D está incorreta, pois o que ocorre no texto é uma construção em que, apesar de fazer uma ação, o eu-lírico aconselha outra para os outros. Não há reforço, mas sim sucessão de ações.

A alternativa E está incorreta, pois os problemas apontados no texto não são necessariamente sociais.

Gabarito: C

14. (ENEM/2014)**Reciclar é só parte da solução**

O lixo é um grande problema da sustentabilidade. Literalmente: todos os anos, cada brasileiro produz 385 kg de resíduos – dá 61 milhões de toneladas no total. O certo seria tentar diminuir ao máximo essa quantidade de lixo. **Ou seja**, em vez de ter objetos recicláveis, o ideal seria produzir sempre objetos reutilizáveis, o que diminui os resíduos. **Mas**, enquanto isso não acontece, temos que nos contentar com a reciclagem. E é aí que vem um detalhe perigoso: reciclar o lixo **também** polui o ambiente e gasta energia. Reciclar vidro, por exemplo, é 15% mais caro do que produzi-lo a partir de matérias-primas virgens. **Afinal**, é feito basicamente de areia, soda e calcário, que são abundantes na natureza. **Então**, nenhuma empresa tem interesse em reciclá-lo. Já o alumínio é um supernegócio, porque economiza muita energia.

HORTA, M. Disponível em: <http://super.abril.com.br>.
Acesso em: 25 maio 2012.

O emprego adequado dos elementos de coesão contribui para a construção de um texto argumentativo e para que os objetivos pretendidos pelo autor possam ser alcançados. A análise desses elementos no texto mostra que o conectivo

- a) “ou seja” introduz um esclarecimento sobre a diminuição da quantidade de lixo.
- b) “mas” instaura justificativas para a criação de novos tipos de reciclagem.
- c) “também” antecede um argumento a favor da reciclagem.
- d) “afinal” retoma uma finalidade para o uso de matérias-primas.
- e) “então” reforça a ideia de escassez de matérias-primas na natureza.

Comentários:



A alternativa A está correta, pois o conectivo “ou seja” pressupõe falar algo que já foi dito, mas de outra maneira, de modo a ser mais esclarecedor.

A alternativa B está incorreta, pois o “mas” indica uma relação de adversidade: enquanto não há outros tipos de solução, temos que nos contentar com a reciclagem.

A alternativa C está incorreta, pois na oração fica claro que a reciclagem também não é a melhor opção, assim, não se pode dizer que haja aqui uma defesa da reciclagem.

A alternativa D está incorreta, pois nesse caso o “afinal” apresenta uma explicação ao que foi dito anteriormente.

A alternativa E está incorreta, pois o “então” apresenta uma conclusão ao que foi dito anteriormente.

Gabarito: A

15. (ENEM/2014)

É possível ter câibras no coração?

É impossível ter câibras no coração, **apesar de** ser comum pacientes se queixarem de dores semelhantes a uma contratura no órgão. A musculatura cardíaca é diferente da musculatura esquelética das pernas e braços, onde sentimos as câibras. Isso porque o coração possui um tipo especial de fibra muscular estriada, que tem movimento involuntário. O órgão contrai e relaxa automaticamente. Não há registro de casos em que ele permaneça contraído sem relaxamento imediato, que é como a câibra se apresenta.

Disponível em: <http://super.abril.com.br>.

Acesso em: 30 jun. 2012 (fragmento).

Os conectivos são elementos fundamentais para a ligação de palavras e orações no texto. Contextualmente, o conectivo “apesar de” (ℓ. 1) expressa

- a) explicação, porque apresenta os motivos que impossibilitam o aparecimento de câibras no coração.
- b) concessão, pois introduz uma ideia contrária à afirmação “é impossível ter câibras no coração”.
- c) causa, tendo em vista que introduz a razão da manifestação da doença no coração.
- d) conclusão, já que finaliza a afirmação “é impossível ter câibras no coração”.
- e) consequência, uma vez que apresenta os efeitos das câibras.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois há ideias contrárias sendo apresentadas, não uma explicação para as câibras no coração: indica-se que normalmente não é o caso quando os pacientes acreditam ser.

A alternativa B está correta, pois apresenta uma condição específica (a cãibra) e depois ideias contrárias (aquilo que é mais comum).

A alternativa C está incorreta, pois a cãibra não é causada por uma doença, mas pode-se confundir doenças com ela.

A alternativa D está incorreta, pois ainda que seja impossível, alguns pacientes relatam essa sensação, confundindo-a com outras doenças reais.

A alternativa E está incorreta, pois não há o aparecimento dos efeitos, mas a indicação do que de fato parece ocorrer.

Gabarito: B**16. (ENEM/2013)**

Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>.
Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- a) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- b) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- c) retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos,
- d) utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".
- e) repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

Comentários:

A alternativa A está correta, pois a quebra de expectativa vem da oração "mas uma mãe é uma mãe", indicando que se deve ceder à preguiça.

A alternativa B está incorreta, pois a relação não é de causa e efeito, mas de adversidade: a preguiça é ruim, mas deve ser respeitada e deve-se ceder a ela.

A alternativa C está incorreta, pois a frase se aproveita da ambiguidade de sentidos, não a desfaz.

A alternativa D está incorreta, pois o humor não está na gramática, mas no conteúdo da oração.

A alternativa E está incorreta, pois a relação é de adversidade, oposição, não adição.

Gabarito: A

17. (ENEM/2012)

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, stou sem.
Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.
O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, M. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Em um texto literário, é comum que os recursos poéticos e linguísticos participem do significado do texto, isto é, forma e conteúdo se relacionam significativamente. Com relação ao poema de Mário de Andrade, a correlação entre um recurso formal e um aspecto da significação do texto é

- a) a sucessão de orações coordenadas, que remete à sucessão de cenas e emoções sentidas pelo eu lírico ao longo da viagem.
- b) a elisão dos verbos, recurso estilístico constante no poema, que acentua o ritmo acelerado da modernidade.
- c) o emprego de versos curtos e irregulares em sua métrica, que reproduzem uma viagem de bonde, com suas paradas e retomadas de movimento.
- d) a sonoridade do poema, carregada de sons nasais, que representa a tristeza do eu lírico ao longo de toda a viagem.
- e) a ausência de rima nos versos, recurso muito utilizado pelos modernistas, que aproxima a linguagem do poema da linguagem cotidiana.

Comentários:

A alternativa A está correta, pois as orações coordenadas assindéticas, ou seja, sem conectivos, contribui para uma ideia de sucessão de cenas e emoções presente no texto.



A alternativa B está incorreta, pois não há aceleração de movimento – o que se comprova pela possibilidade de observação do outro do eu-lírico.

A alternativa C está incorreta, pois o poema apresenta regularidade métrica, sendo que todos os versos apresentam cinco sílabas.

A alternativa D está incorreta, pois não há necessariamente uma predominância de sons nasais.

A alternativa E está incorreta, pois há a presença de rimas no poema, ainda que não de maneira regular.

Gabarito: A

18. (ENEM/2011)

Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. **Época**. 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que

- a) a expressão "Além disso" marca uma sequenciação de ideias.
- b) o conectivo "mas também" inicia oração que exprime ideia de contraste.
- c) o termo "como", em "como morte súbita e derrame", introduz uma generalização.
- d) o termo "Também" exprime uma justificativa.
- e) o termo "fatores" retoma coesivamente "níveis de colesterol e de glicose no sangue".

Comentários:

A alternativa A está correta, pois a expressão "além disso" indica que outra informação será adicionada àquilo que já foi dito anteriormente. Assim, imprime ao texto uma sequência de ideias.

A alternativa B está incorreta, pois "mas também", no caso, assume função aditiva, podendo ser substituído por "e".

A alternativa C está incorreta, pois aqui ocorre um movimento e especificar, não generalizar.

A alternativa D está incorreta, pois aqui há o objetivo de adicionar uma informação nova, não justificar a anterior.

A alternativa E está incorreta, pois "fatores" retoma "diminuir o estresse" e "aumentar a capacidade física".

Gabarito: A**19. (ENEM/2010)**

O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa do** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com> (adaptado).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

- a) **após é** conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.
- b) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
- c) **no entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
- d) **mesmo** traz ideia de concessões, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
- e) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois “após” denota sequência de fatos, ou seja, o que ocorreu após o fato relatado na primeira oração.

A alternativa B está incorreta, pois “enquanto” indica concomitância, ou seja, o que ocorria ao mesmo tempo que a ação escrita inicialmente.

A alternativa C está incorreta, pois “no entanto” indica oposição a algo relatado anteriormente.

A alternativa D está correta, pois a ideia desse período é que algo não ocorreu, ainda que houvesse a previsão de que ocorreria: o esperado é que um time com mais posse de bola tenha menos dificuldades, mas isso não ocorreu.

A alternativa E está incorreta, pois “por causa de” indica, como a própria expressão deixa claro, causa.

Gabarito: D

20. (ENEM/2010)

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois em uma oração o “mas” opõe ideias e em outra as explica.

A alternativa B está incorreta, pois não há problemas em iniciar orações com conectivos, principalmente quando há um fluxo de pensamento expresso.

A alternativa C está incorreta, pois não há incorreção gramatical em deslocar o conectivo para o início do período.

A alternativa D está incorreta, pois não há sequência de ações no tempo nesse trecho, mas sim pensamentos.

A alternativa E está correta, pois o primeiro uso é de oposição (o calor era forte, mas havia vento) e o segundo de explicação (ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras).

Gabarito: E

6 Prática de redação

Proposta I

(ITA - 2011)

TEXTO 1

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejam humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: **A borboleta amarela**. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

TEXTO 2

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de Piolho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

Trago esta referência – que Clastres denomina etnocentrismo – eloquente de uma xenofobia em sociedades primitivas, porque ela é tentadora para propor origens precoces, quem sabe constitucionais ou genéticas, no ódio ou recusa das diferenças.

A mesma precocidade, dizem alguns, encontra-se nas crianças. Uma criança uruguaia, com clara ascendência europeia, como é comum em nosso país, resultado do genocídio indígena, denuncia, entre indignada e temerosa, sua repulsa a uma criança japonesa que entrou em sua classe (fato raro em nosso meio) e argumenta que sua linguagem lhe é incompreensível e seus traços são diferentes e incomuns.

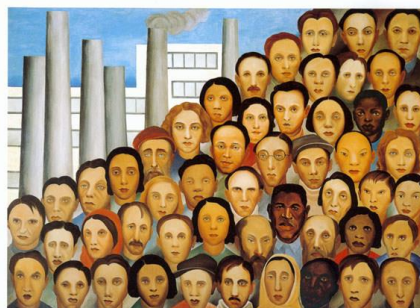
Se as crianças e os primitivos reagem deste modo, poder-se-ia concluir – precipitadamente – que o que manifestam, de maneira tão primária e transparente, é algo que os desenvolvimentos posteriores da civilização tornarão evidente de forma mais complexa e sofisticada, mas com a mesma contundência elementar.

Por esse caminho, e com a tendência humana a buscar causalidades simples e lineares, estamos a um passo de “encontrar” explicações instintivas do ódio e da violência, em uma hierarquização em que a natureza precede a cultura, território de escolha das argumentações racistas. A “natureza” – o “biológico” como “a” origem ou “a” causa – operam como explicação segura e tranquilizadora ante questões que nos encurralam na ignorância e na insegurança de um saber parcial. [...]

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

Leia os dois excertos abaixo e observe a reprodução da tela de Tarsila do Amaral, os quais devem servir como subsídio para a escrita de sua redação. Você não precisa citá-los nem mesmo mencioná-los. Considerando a relação entre os dois excertos, a tela de Tarsila do Amaral e os textos da prova sobre o mesmo tema, redija uma dissertação em prosa, sustentando um ponto de vista.



Operários, 1933, tela de Tarsila do Amaral (1886-1973)

Sem mão de obra, Santa Catarina importa haitianos

O haitiano O. P., de 30 anos, tem dois diplomas de nível superior – psicologia e serviço social – e fala três línguas – francês, espanhol e inglês. Seu conterrâneo, M. L., de 32 anos, tem uma carreira como engenheiro químico e já trabalhou em multinacionais. Há oito meses, eles decidiram trabalhar como operários da linha industrial de abate de suínos em um frigorífico na cidade de Chapecó, no oeste de Santa Catarina. O objetivo é tentar fugir da miséria que assola seu país desde o terremoto que matou 220.000 pessoas – o equivalente a uma Chapecó inteira – e deixou 1,5 milhão de desabrigados há quatro anos. M. L. trabalha oito horas por dia em uma câmara frigorífica em temperaturas negativas. Desacostumado ao frio, ele diz ter sofrido com dores de cabeça diárias quando chegou, mas não desistiu. Nos últimos meses, conseguiu poupar boa parte do salário de 1.500 reais e agora pretende trazer a noiva que vive no Haiti para o Brasil, como fez o colega O. P., que vai se casar até o final do ano. O. P. e M. L. fazem parte de um grupo de 800 haitianos que chegaram a Santa Catarina no ano passado atraídos pela oferta de trabalho, segundo dados da Polícia Federal.

(Veja, online, 02/02/2014, adaptado)

Morar no Brasil é “sonho” internacional

O Brasil é um dos 12 países mais cobiçados para se morar, segundo uma série de pesquisas feitas em 65 nações pelo WIN – coletivo dos principais institutos de pesquisa do mundo – e tabulada pelo Estadão Dados. O crescimento econômico na última década, aliado à boa imagem cultural do País no exterior, fizeram com que o Brasil fosse citado como destino dos sonhos por moradores de dois em cada três países onde foi feito o estudo.

Na lista dos destinos mais cobiçados por quem não está feliz na terra natal, o Brasil é o único da América Latina, o único Bric (grupo formado por Brasil, Rússia, China e Índia) e a única nação ocidental em desenvolvimento. As pesquisas foram feitas no fim do ano passado e ouviram mais de 66 mil pessoas ao redor do globo. Elas foram questionadas se gostariam de morar no exterior se, hipoteticamente, não tivessem problemas como mudanças ou vistos e qual local elas escolheriam. Por isso, os resultados dizem mais sobre a imagem dos destinos mencionados do que com imigrantes em potencial. Se esse desejo virasse realidade, o Brasil receberia em torno de 78 milhões de imigrantes nesse cenário hipotético. [...]

(O Estado de S. Paulo, online, 11/01/2014)

Comentário:

Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à imigração, preconceito e relações de trabalho, unindo esses assuntos todos. O tema também dialoga com a questão dos fluxos migratórios e da crise de refugiados que o mundo vive.

O **Texto 1 da prova** aponta a incoerência em se colocar contrariamente à entrada de imigrantes no país, uma vez que muitas pessoas notáveis são elas próprias filhas de imigrantes. Se nos incomodamos com a entrada de refugiados, porque não nos incomodamos com estes outros filhos de estrangeiros. O texto sugere que há aspectos de



racismo e xenofobia que fazem com que uns imigrantes sejam mais rejeitados do que outros.

O **Texto 2 da prova** fala sobre um estudo de um antropólogo que aponta que a rejeição ao diferente é um traço comum de diversas sociedades. O que ele conclui, porém, é que o avanço civilizatório traz consigo o ensinamento de lidar com as diferenças. No ambiente social, naquilo que é supostamente natural não precisa ser necessariamente preservado.

O **Quadro de Tarsila do Amaral**, aponta o contexto histórico de sua produção e a chegada dos imigrantes no início do século XX. Caberia aqui comparar esse processo histórico com o cenário atual.

As **reportagens apresentadas** expõe uma dualidade: ao mesmo tempo que somos apresentados à visão de que o Brasil seria um dos melhores lugares para imigrar, vemos também uma dura realidade: nem sempre há oportunidades de emprego para as pessoas que vêm para cá.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O combate ao preconceito contra estrangeiros passa também pelo combate ao racismo.

Possíveis argumentos: a ideia de que o Brasil é um país miscigenado – como aponta o quadro de Tarsila – encobre as diferenças no mercado de trabalho a partir da raça; a ideia de “democracia racial” a que muito se associa o Brasil não apresenta os fatos com profundidade, já que fica claro nos textos que emigrantes de determinados locais e etnias têm menos oportunidades; deve-se considerar também sobre quais as condições que os imigrantes encontram ao chegar no Brasil e se há receptividade ou estrutura governamental favorável.

- Reflexões acerca do porquê o Brasil é considerado um lugar tão bom para imigrar

Possíveis argumentos: o que causa a imagem do Brasil no exterior como lugar bom para imigrar?; deve-se considerar os fluxos migratórios tanto nas perspectivas históricas quanto atuais; a ideia de miscigenação pode ser responsável pela ideia de que aqui seria um país receptivo aos estrangeiros; o aluno pode também considerar contextos de atualidades e pensar sobre o crescimento do Brasil no período da redação, o que tornaria o Brasil um país atraente para a imigração.

Proposta II

Texto 1

As Universidades Precisam Formar Sábio

A reitora de Harvard diz que instituições devem resolver questões práticas, mas não podem ignorar a marca do próprio DNA: produzir conhecimento

Veja.com, 25.03.2011

Em artigo recente para o jornal The New York Times, a senhora afirma que as universidades vivem uma crise de propósitos. Poderia explicar essa ideia? Um debate



frequente de nossos dias é acerca de como as universidades podem contribuir com as necessidades mais imediatas da sociedade. Algumas delas são necessidades econômicas, e os estudantes vão às universidades de forma a serem treinados e qualificados para futuros empregos. Outras são descobertas e inovações e outros tipos de intervenções que podem ter um efeito imediato no mundo, como a cura de uma doença. Mas as universidades têm outros propósitos, que são de longo prazo e que são mais difíceis de mensurar, mas que são extremamente importantes para todos nós. No encontro que tive com os reitores brasileiros, ouvi uma frase que resume esse pensamento: a sociedade nos pede soluções para problemas práticos. Mas a universidade não deve se preocupar apenas com o bem estar imediato dos seres humanos, precisa fazer também com que eles sejam sábios. As universidades têm esse propósito humano, histórico, antropológico, que nos faz transcender o momento presente. Não nos preocupamos apenas se nossos alunos terão emprego amanhã. Precisamos garantir que eles tenham conhecimento.

(Disponível em <https://veja.abril.com.br/educacao/as-universidades-precisam-formar-sabios/>, acessado em 28.05.2019)

Texto 2

O profissional do século XXI

10 de dezembro de 2007

E como dever ser o profissional do século XXI? Bem, ele deve possuir muitas características, entre elas, empreendedorismo, resiliência, proatividade, liderança energizadora, percepção, comunicação, persuasão, assertividade, criatividade, cultura, humanismo. Todas elas têm sido muito requisitadas pelas empresas, mas devemos lembrar que não se trata de buscar profissionais supra-humanos, visto que isso é impossível e têm levado muitos a um nível elevado de estresse. Trata-se, apenas, de reconhecer seus potenciais e limitações, e a partir daí, de forma equilibrada e estruturada, buscar o autodesenvolvimento.

Também não podemos esquecer da relevância da tecnologia na vida de um profissional globalizado. Independentemente da área do conhecimento, ela fornece a base conceitual necessária a uma evolução do pensamento e da análise. Ainda, a utilização de ferramentas tecnológicas é um fator de diferenciação no mercado de trabalho. Compreender claramente o ambiente altamente tecnológico em que vivemos e suas correlações é fundamental para qualquer profissional, mas nada exacerbado que nos torne consumidores compulsivos dessas tecnologias. Por outro lado, os profissionais não podem ficar desatualizados com tal evolução e devem saber usá-la a seu favor para gerar resultados efetivos.

(Acessado em <https://administradores.com.br/noticias/o-profissional-do-seculo-xxi>, disponível em 28.05.2019)

Texto 3

A Universidade é um espaço de doutrinação ideológica?

A grande dificuldade de quem desmerece o valor dos conhecimentos das ciências humanas é não entender que elas não geram resultados palpáveis (a produção de uma cadeira, a construção de uma ponte) e sim em níveis abstratos. Raciocínio, lógica, reflexão, crítica, o significado de ética, a situação do ser humano em relação às outras coisas, as

diferenças culturais, as regras simbólicas que regem as relações humanas, os motivos pelos quais levam as pessoas a fazerem o que fazem. (...)

As ciências humanas não comportam verdades absolutas, diferente de outras disciplinas. Basta lembrar das fórmulas matemáticas, as leis que regem as reações químicas e físicas, as características biológicas de cada ser... (...)

A crítica mais ácida aos cursos de ciências humanas é a de que teriam se tornado verdadeiros redutos de esquerdistas. Ela em parte é verdade, pois muitos diretórios e centros acadêmicos praticamente se tornaram diretórios de partidos políticos –principalmente PT, PCdoB e PSOL. Além disso, muitos mestres e doutores realmente têm mais afinidades com ideologias e lideranças mais à esquerda. No entanto, imaginar que seja possível “doutrinar” estudantes “ingênuos e indefesos” é um grande exagero.

(Disponível <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/38306-a-forca-do-pensamento/>, acessado em 28.05.2019)

Comentário:

Proposta II

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas ao **papel das ciências humanas e da reflexão social na educação do século XXI, discorrendo sobre qual o papel desses conhecimentos na construção de uma sociedade.**

O **Texto 1** é uma entrevista com a reitora de Harvard e destaca que, realmente, há um desafio para a universidade: produzir conhecimento que deve ser aplicado de forma imediata. Porém, há propósitos mais vagos e a longo prazo que não podem ser desprezados, pois a Universidade deveria “fazer também com que eles (os homens) sejam sábios”. Essa entrevista, no contexto da proposta, já faz uma divisão que praticamente se aplica a diferença entre ciências humanas e ciências exatas. As primeiras seriam responsáveis pela “sabedoria”, as últimas, pelo caráter mais técnico e “utilitário”.

O **Texto 2** fala sobre o perfil do profissional do século XXI que, ao que tudo indica, deve desenvolver cada vez mais habilidades na área tecno-científica. O texto faz referência também à formação humana (“cultura, humanismo”), mas essas características parecem ser um traço menor diante da “relevância da tecnologia”. No entanto, muitas vezes, mesmo alunos da área tecnológica reclamam do abismo entre Universidade e mundo prático

O **Texto 3** discorre sobre as críticas diretas aos cursos de Humanidades das universidades. Inicialmente, o texto expressa qual é a dificuldade em valorizar esse campo do saber: ele não gera resultados palpáveis e não comporta “verdades absolutas”. Após esse diagnóstico, o autor enfrenta a crítica de que tal área seria reduto da esquerda. Ele reconhece que há algo de verdadeiro nessa premissa, mas conclui que “imaginar que seja possível ‘doutrinar’ estudantes ‘ingênuos e indefesos’ é um grande exagero.”

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A educação deve ser abrangente, abordando tanto as humanidades quanto a técnica.

Possíveis argumentos: Há uma impressão comum de que apenas o conhecimento materialmente aplicável deveria ser ensinado. Isso dialoga, porém, com a ideia de

mercantilização da educação. A educação, quando tratada como mero produto vendável ou serviço comprável, deixa de cumprir seu papel.

- O papel das humanidades numa sociedade tecnicista é de promover a discussão sobre o presente, não deixando que nos acomodemos com o que não nos faz bem.

Possíveis argumentos: as humanidades procuram “transcender o presente” e dar conta da complexidade do mundo jamais perderia sua função, por mais que fosse incompreendida; no mundo tecnicista em que vivemos, há a tendência de que as Humanidades percam o espaço; já que estão longe do sistema produtivo, muitas vezes sendo críticas a ele.

- Há um estereótipo a ser desmontando sobre o que seriam as ciências humanas.

Possíveis argumentos: as humanidades têm muito pouco a oferecer em relação aos desafios próprios de um mundo globalizado; ao mesmo tempo, elas perdem valor justamente quando mais se necessitada desses conhecimentos para que o homem não abdique de sua humanidade; humanidades têm valor, mas o criticismo desenvolvido nas Universidades ao longo do tempo, tornou-as alvos do setor conservador que a vê reduto de esquerda.

Proposta III.

(ITA - 2011)

Texto 1

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro que a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, que o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas que só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro que há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.



As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos que 50% - o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade - caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia -, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora - o nosso meio ambiente urbano - dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

Texto 2

São Paulo - Não é preciso muito para imaginar o dia em que a moça da rádio nos anunciará, do helicóptero, o colapso final: "A CET¹ já não registra a extensão do congestionamento urbano. Podemos ver daqui que todos os carros em todas as ruas estão imobilizados. Ninguém anda, para frente ou para trás. A cidade, enfim, parou. As autoridades pedem calma, muita calma".

"A autoestrada do Sul" é um conto extraordinário de Julio Cortázar². Está em Todos os fogos o fogo, de 1966 (a Civilização Brasileira traduziu). Narra, com monotonia infernal, um congestionamento entre Fontainebleau e Paris. É a história que inspirou Weekend à francesa (1967), de Godard³.

O que no início parece um transtorno corriqueiro vai assumindo contornos absurdos. Os personagens passam horas, mais horas, dias inteiros entalados na estrada.

Quando, sem explicações, o nó desata, os motoristas aceleram "sem que já se soubesse para que tanta pressa, por que essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam para a frente, exclusivamente para a frente".

Não serve de consolo, mas faz pensar. Seguimos às cegas em frente há quanto tempo? De Prestes Maia aos túneis e viadutos de Maluf, a cidade foi induzida a andar de carro. Nossa urbanização se fez contra o transporte público. O símbolo modernizador da era JK é o pesadelo de agora, mas o fetiche da lata sobre rodas jamais se abalou.

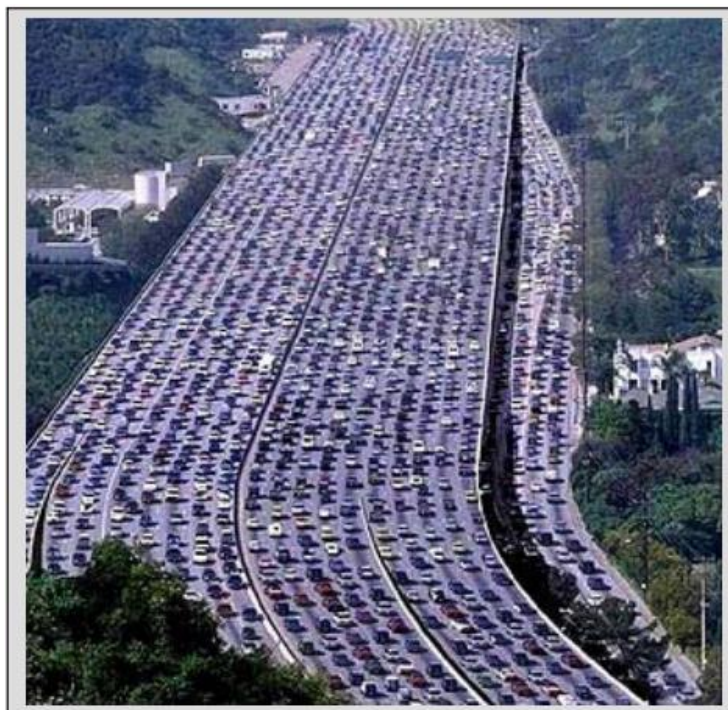
Será ocasional que os carrões dos endinheirados – essas peruas hightech – se pareçam com tanques de guerra? As pessoas saem de casa dentro de bunkers, literalmente armadas. E, como um dos tipos do conto de Cortázar, veem no engarrafamento uma “afronta pessoal”.

Alguém acredita em soluções sem que haja antes um colapso? Ontem era a crise aérea, amanhã será outra qualquer. A classe média necessita reciclar suas aflições. E sempre haverá algo a lembrá-la – coisa mais chata – de que ainda vivemos no Brasil.

(SILVA, Fernando de Barros. **Folha de S. Paulo**, 17/03/2008.)

(1) CET - Companhia de Engenharia de Tráfego. (2) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino. (3) Jean-Luc Godard, cineasta francês, nascido em 1930.

Observe a foto abaixo. A partir dela, e considerando os textos desta prova, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema.



Comentário:

Proposta III

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas **à mobilidade urbana**.



O **Texto 1**. fala sobre o que pode acontecer caso se deixe de usar o carro: olhar as ruas, chegar nos compromissos na hora etc. O autor também aponta para uma incoerência: se a maioria das viagens realizadas na cidade são feitas a pé ou de transporte público, por que motivo os carros possuem tanto espaço nas cidades.

O **Texto 2**. fala sobre como nossa relação com o carro ainda é permeada pelo status. O texto cita carros de luxo e a postura da classe média em relação aos congestionamentos. O texto se questiona como essas relações se dão, principalmente, no espaço brasileiro.

A **fotografia** mostra uma estrada - um caminho supostamente mais livre e espaçoso - completamente tomada de carros, mostrando a gravidade do problema do congestionamento.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O carro como símbolo de status

Possíveis argumentos: historicamente, há um reforço ao uso do carro; desde JK até o governo Collor e os dias atuais, o próprio governo tomou para si muitas vezes a responsabilidade de fomentar uma cultura que supervaloriza o transporte automobilístico; há uma ideia muito forte no Brasil de que uma melhoria da condição financeira estaria atrelada à posse de um carro; o transporte público é frequentemente associado às classes mais baixas.

- As consequências do congestionamento em diversas áreas da vida

Possíveis argumentos: o excesso de carros tem uma série de consequências ruins: aumento da poluição nos grandes centros urbanos, perda de tempo nos congestionamentos, stress no motorista, entre outros; os congestionamentos produzem efeitos negativos nos motoristas, podendo mesmo ser um fator de incentivo à violência no trânsito; em contrapartida, quais os benefícios da diminuição do uso do carro: melhoria da saúde, menos tempo de deslocamento entre os lugares, conhecer lugares novos etc.

- Possíveis alternativas de transporte

Possíveis argumentos: um transporte público de maior qualidade pode incentivar a diminuição do uso do carro; para mudar a mentalidade das pessoas em relação ao transporte público é preciso que a oferta de ônibus e metrô seja maior e mais conveniente: novas linhas, estações e corredores de ônibus são exemplos de possíveis melhorias; além dos transportes públicos, outras alternativas como as ciclovias podem modificar a relação do cidadão com os transportes. Em 2011, quando essa imagem compôs a prova, as ciclovias na cidade de São Paulo ainda não eram tão comuns ou estruturadas como são hoje em dia. Atualmente, essa redação poderia contar já com esses dados para apontar dados sobre o uso de outros transportes.



Proposta IV

Texto 1

Novo relatório da ONU reforça ameaças do aquecimento global

O novo trabalho do órgão da ONU Painel Intergovernamental para a Mudança Climática (IPCC, na sigla em inglês) diz que os efeitos do aquecimento estão sendo sentidos em todo lugar, contribuindo para possíveis crises de escassez alimentar, desastres naturais e guerras. (...)

Os cientistas projetam que o aquecimento poderá reduzir o PIB global em 0,2 a 2 por cento ao ano, caso as temperaturas medianas subam até 2 graus Celsius – uma estimativa que muitos países consideram modesta demais.

“Ao longo da próxima década, a mudança climática terá impactos majoritariamente negativos”, disse Michel Jarraud, secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial (OMM), citando cidades, ecossistemas e o abastecimento hídrico como áreas de risco.

“Os pobres e vulneráveis serão mais afetados”, acrescentou. Entre os principais riscos estão a inundação permanente de pequenas ilhas e áreas costeiras.

(Disponível em <https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPA2U01420140331>, acessado em 18.03.2019)

Texto 2

Impostura verde

Já houve até evento fashion em que hedonistas voluntariam trocados para plantar árvores

Hoje em dia ninguém mais cita o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) em jornal -a não ser, talvez, para criticá-lo. Mesmo quem o conhece mal, porém, não deixará de reconhecer como é certa sua caracterização do marketing como "a raça impudente de nossos senhores". Em especial se topar com um anúncio da nova coleção de roupas Diesel.

Pessoas sensatas, em tempos normais, pensariam duas vezes antes de adquirir confecções de uma empresa que publica no Brasil anúncios inteiramente em inglês. Só que nosso tempo há muito deixou de ser normal. E o Brasil, todos sabem, nunca foi sério. Precisava carimbar a campanha com um "Global Warming Ready", porém? Para quem não sabe, a frase quer dizer "pronto(a) para o aquecimento global". Noutro lugar, anuncia-se que são roupas para permanecer "cool" (bacana, ou, literalmente, fresco) enquanto o mundo se aquece.

As imagens utilizadas são ainda mais loquazes. Numa delas, um rapaz de camisa aberta lambuza com filtro solar a garota em vias de trepar num coqueiro. Seria só a razão cotidiana de nonsense da publicidade de moda, não fosse pelo carimbo mencionado e por mostrar no fundo, à esquerda, o mar batendo no topo do que parece ser o monte Rushmore, nos EUA.

A face esculpida em pedra, com água pelo nariz, talvez seja a de Abraham Lincoln. Não aparecem na imagem as outras três do famoso monumento em Dakota do Sul: George Washington, Thomas Jefferson e Theodore Roosevelt. O quarteto de presidentes só se mostra por inteiro noutro quadro, em que um modelo sarado lê um livro com geleiras na capa, deitado na areia da mesma praia. A mesma alusão à elevação do nível dos mares como

resultado do aquecimento global surge num plágio deslavado do filme "O Dia Depois de Amanhã". Em tela, arranha-céus de Nova York (Chicago?) com água na cintura.

Nesse álbum disparatado ainda há espaço para araras no lugar dos pombos da praça São Marcos em Veneza, vegetação equatorial ao lado da torre Eiffel e gente de biquíni ao lado de pinguins. Na Antártida, supõe-se. A publicidade não tem nem precisa ter compromisso com a realidade, sequer com a verossimilhança. Seu liquidificador de signos já nasceu pós-moderno. O que salta aos olhos são os sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência.

O aquecimento global virou moda, modismo. Já houve até evento fashion "carbon-neutral", em que hedonistas compungidos voluntariam uns caraminguás para plantar árvores, não se sabe nem se quer saber onde. Peles de animais, contudo, voltaram a ser chiques. O mundinho é verde, ma non troppo. Ao final, todos montam em seus jipões 4x4 movidos a (muito) diesel e rodam superiores sobre o asfalto esburacado das metrópoles brasileiras. Os mais radicais se filiam a alguma ONG -com nome em inglês, claro.

Dá vontade de incorporar um "nerd" rápido. Lembrar que Dakota do Sul fica no meio dos Estados Unidos, onde o mar nunca vai chegar (não na escala de tempo que interessa à espécie humana). O monte Rushmore, aliás, está 1.745 metros acima do nível do mar, que deve subir só meio metro nos próximos cem anos, segundo a última previsão do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática). Quem é que quer saber de informação, no entanto? O negócio agora é ser "ambiental". Qualquer dia desses nasce a grife Biodiesel.

(Leite, Marcelo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18 de março de 2007).

Comentário:

Proposta IV.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à **importância e limites do ativismo ambiental, discorrendo sobre como alertar a população da importância de discutir pautas ambientais, sem neutralizar essas pautas, esvaziando seu sentido.**

O **Texto 1** apresenta dados acerca das mudanças climáticas do planeta. Este texto seria muito útil para fazer a comprovação de seus argumentos a partir de fatos concretos. Ali há números sobre a temperatura, vozes autorizadas e especializadas no assunto e comentários mais técnicos.

O **Texto 2** aponta para a ideia de que a preocupação com o meio ambiente seria uma verdadeira impostura. Para provar isso, ele elege a campanha da Diesel, criticando-a duramente. Para o autor, a empresa se vale de "sobretons frívolos para retratar uma questão de sobrevivência". Conclui que a questão ambiental se tornou uma questão de moda e não exatamente uma preocupação séria. O discurso de defesa ambiental parece ter conquistado mentes e corações e quase todo mundo o repete como um mantra. Na prática, essa postura é ostentada como forma de reconhecimento social, mas apenas isso. Defender o meio ambiente se tornou "legal". A adesão ao ativismo ambiental é cínica, fala-se muito, faz-se pouco.



Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A falta de vontade do indivíduo em contribuir para a preservação do meio ambiente

Possíveis argumentos: em que medida as pessoas de fato se preocupam com o meio ambiente?; a preocupação para na medida em que precisamos mudar nossos hábitos; a geração de lixo excessiva e o consumo impulsivo estão ligados a questões de conforto, ou seja, é mais fácil realizar ações cotidianas sem considerar o impacto ambiental; com isso, muitas pessoas deixam de atuar sobre a preservação para não mudar seu estilo de vida; a longo prazo, o que pode representar para o meio ambiente essa não mudança de comportamento?

- Os problemas estruturais na preservação do meio ambiente considerando-se as questões sociais

Possíveis argumentos: pensar como no sistema capitalista, permeado por relações de consumo e classe social, a preservação do meio ambiente se torna possível; na sociedade do consumo, a compra de mercadorias não pode se basear numa reflexão sobre o próprio ato de comprar, ou seja, a questão ambiental só pode ser lembrada de forma superficial, sem que gere qualquer tipo de culpa; nesse contexto, o ativismo encontra seu limite na própria dinâmica da vida moderna.

6 Considerações finais

Não deixe de produzir as redações e enviá-las para correção. É **muito** importante que você não acumule redações para a última hora, pois não teremos tempo para corrigir. Na próxima aula, vamos estudar a coerência da redação. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	23/05/2021	Primeira versão do texto.